

## **O MURO E A ESCADA: RELAÇÕES ENTRE PESQUISA QUALITATIVA E O ESPAÇO ESCOLAR**

**Resumo:** Apresentamos algumas considerações entre os conflitos no espaço escolar e as possíveis contribuições da pesquisa qualitativa nas observações deste ambiente. Relacionando o conceito de montagem, oriundo da área cinematográfica, com os agentes intra e extramuro, buscamos compor imagem com maior riqueza de perspectivas e abordagens. Para esta reflexão, recorreremos às imagens de muro e a escada, situando alguns vetores que influenciam na determinação do ensino-aprendizagem, enfocando a complexidade e antagonismos envolvidos no processo, pretendendo desvelar algumas conexões entre os elementos participantes da dicotomia escola e sociedade.

**Palavras-chave:** pesquisa qualitativa, cultura visual, Eisenstein.

**Abstract:** Presenting some considerations about the conflicts on scholar space and the possible contributions of the qualitative research for observing this environment. We connect the concept of montage, arising from the cinematographic field, to the insidewall and outsidewall agents, to seek a richer scene of perspectives and approaches. Reflection on it, we resorted to the images of wall and the ladder, setting the social vectors and their functions on setting teaching-learning, focusing on complexity and oppositions involved in the process, intending to reveal some connections about the implicated factors of dichotomy school and society.

**Key-Words:** qualitative research, visual culture, Eisenstein.

**1 – AS PREOCUPAÇÕES QUE EDUCAÇÃO DEVE TER PARA O FUTURO CONFORME MORIN, RELACIONAR COM DEWEY E A NECESSIDADE DA EXPERIÊNCIA E A COMPLEXIDADE NUM ESPAÇO ESCOLAR METAFORIZADO PELO MURO.**

**2- SITUAR CERTAS PRÁTICAS QUE SE RESUMEM A MÉDIAS E TRANSMISSÃO UNILATERAL DE CONTEÚDOS. CRIANDO SITUAÇÕES DICOTÔMICAS SIMPLISTAS.**

**3- A NECESSIDADE NOVOS POSICIONAMENTOS E A ESCADA COMO METÁFORA DE SUPERAÇÃO DESTES LIMITES IMPOSTOS PELO MURO.**

**4- O PROFESSOR PESQUISADOR COMO AGENTE QUE SUPERA AS DIMENSÕES QUANTITATIVAS RUMO A QUALITATIVA.**

**5- HISTORICIZAR A PESQUISA QUALITATIVA.**

**6 – FOCAR NA MONTAGEM COMO ABORDAGEM COMPLEXA DA REALIDADE.**

**7- FLEXIBILIZAR OS PCNS POTENCIALIZANDO O CARÁTER DA CONDIÇÃO HUMANA EM DETRIMENTO DO CONSUMIDOR.**

**8 – UM CONVITE A COMPLEXIDADE DA EDUCAÇÃO**

### **O Encouraçado e a sala de aula**

Este texto procura discutir a pesquisa qualitativa no âmbito da educação escolar recorrendo ao uso de imagens como deflagradoras de reflexões das concepções que queremos esmiuçar. Recorremos as metáforas do muro e da escada, elementos físicos possivelmente existentes em uma escola, para indicar posicionamentos investigativos que podem levar a atitudes diferenciadas. As metáforas são usadas no sentido que alguns dos entraves pedagógicos são oriundos pela dificuldade de visualizar a posição do 'outro' na escola.

Pela própria organização da escola na modernidade, que transpôs para ela o modo de produção capitalista (Santos, 2013 ,p.19), cria-se a ilusão da objetividade dos atores que interagem no espaço do ensino formal, como se cada pessoa dentro da escola fosse uma engrenagem despida de historicidade e emoção, não sendo surpreendente que em muitos casos surja uma apatia não só da parte dos alunos, mas inclusive de alguns professores dentro de fazeres mecânicos no cotidiano das aulas. Em minha experiência pessoal

como professor do ensino fundamental por mais de 10 anos, já ouvi diversas vezes, na sala de professores, que os alunos não conseguem prestar atenção nas aulas e não tem interesse no conteúdo. O que cria uma situação de desconexão entre os educandos e professores. Considerando o ensino uma ação e acompanhando o pensamento de Arendt (2000, apud Santos, 2013, p.20) “toda ação necessita da adesão dos outros para existir”, uma aula sem o envolvimento das subjetividades, que são em parte construídas culturalmente, estaria comprometida do ponto de vista da significação.

Percebemos o muro escolar como um espaço que delimita intercâmbios, onde uma pequena comunidade cria uma série de costumes que se relaciona de forma silenciosa, mas turbulenta, com a sociedade mais ampla.

Ultrapassando características de uma barreira física, o muro é um símbolo do limite entre passado e futuro. As determinações que chegam à escola, que ditam quando e como ensinar, são filtradas desde o ministério da educação até as reuniões de pais, e sempre se pautam por eventos ocorridos a um certo tempo. Qualquer prática inserida na escola de maneira formal, já recebeu uma série de pareceres ou foi validada por costumes que perdem seu rastro no passado.

Este jogo, entre passado e futuro, desenha tensões entre as práticas consideradas obsoletas de ensino e as novas, que surgem com a promessa de serem mais eficazes no processo educacional, principalmente, no sentido de uma pedagogia crítica.

Em justaposição à imagem de muro, não como elemento limite, mas como zona de trocas entre as forças que entram e saem da escola e ao mesmo tempo dificultador de uma visão clara das conexões, de um espaço pelo outro; sugiro a imagem da escada como ferramenta que nos possibilite uma nova perspectiva que abranja o interno e o externo.

A visão dessa escada seria a captura de um cenário mais complexo, onde vislumbraríamos relações, entre educação e sociedade, que permitisse mais diálogos e sincronismos entre as práticas de dentro e fora da escola. Desta forma a escada como imagem gera a seguinte questão: como metodologicamente observar o ensino-aprendizagem de forma a obter uma percepção menos distorcida da realidade, para que seja viável uma intervenção

mais efetiva na educação? Mais precisamente, no ensino de artes, uma das áreas menos padronizadas em relação aos currículos, mas que vem ocupando espaços na criação subjetiva da escola, enfaticamente nas políticas públicas.

E mais, como fazer isto à luz da cultura visual? Visto que a arte-educação, baseada exclusivamente no ensino das belas artes, é insuficiente para a compreensão do mundo imagético contemporâneo e dos nossos educandos, que possui um relevante percentual de sua formação cultural mediada eletronicamente. Conforme Duncum (2011, pág 21), “A cultura visual é bastante inclusiva, pois incorpora as belas-artes juntamente com a extensa gama de imagens vernáculas e midiáticas. Imagética eletrônica contemporânea e toda a história da imagética produzida e utilizada pelas culturas humanas”.

Para discutir essas questões proponho um olhar sobre as falas de Denzin e Lincoln (2006, págs. 15-41) sobre a pesquisa qualitativa e o conceito de montagem cinematográfica de Eisenstein, do mesmo livro. Na verdade, me interessa ver a escola através da riqueza interpretativa da pesquisa qualitativa e a cena da “Escadaria de Odessa”, clímax do filme “O Encouraçado Potemkin”.

### **Multiplicidade de quadros**

Voltando as nossas figuras do muro e da escada, antes de subirmos no primeiro degrau, devemos ter claro o que vamos fazer. O nosso educando não é à priori alguém que escolheu estudar arte, ou qualquer outra disciplina.

Reconhecemo-lo como indivíduo histórico e culturalmente localizado, pertencendo a grupo social com interesses próprios, e ainda existem numa mesma sala diversos grupos, por vezes antagônicos. Enquadrando desta maneira, percebemos que o conhecimento vai afetar cada aluno de forma diferenciada, mas culturalmente orientada.

A observação deve considerar que estratégias de ensino são de aspecto coletivo, pois os professores dão aula para um grupo de indivíduos, contudo, do lado aluno, a aprendizagem é uma experiência individual, mesmo em atividades que envolvam mais de um educando, pois sempre se aprende com o “outro”. Como retratar então o ensino-aprendizagem sem cair em reducionismos de média geral? Que são os parâmetros utilizados nos sistemas

de avaliações federais do ensino fundamental como Aneb e Anresc (Prova Brasil).

Coloco esta questão porque consideramos, para esta reflexão, as médias das avaliações de conteúdos curriculares como um daqueles reflexos dos espelhos ondulados, é útil para vislumbrar um vulto, mas ineficiente para compreendermos justamente as causas da ineficiência de certas práticas na educação.

Se um pequeno grupo de alunos, não participa, produz ou apreende conceitos ou obras, a educação, em sentido mais amplo, com este grupo terá falhado. Não sendo possível a justificativa que a média da turma foi alta. Fica em risco, para esse pequeno grupo, o aspecto emancipador da educação, no sentido de Aguirre, “como esfera particular de experiência, na qual os sujeitos possam dispor de todas as suas capacidades “ (Aguirre, 2011, pág. 71).

Da mesma forma o professor possui limitações de sua instrução pessoal e de sua situação ambiental. Quais suportes de formação, recursos materiais e tempo estão a sua disposição para alcançar os objetivos das disciplinas? Considerando ainda que, em sua formação há muito de subjetivo e práticas que são resquícios de sua própria educação básica e fundamental (Gonçalves e Gonçalves, 1998, pág 107).

Subindo um pouco mais os degraus de nossa escada, detectamos que muitos destes objetivos educacionais são ditados de fora do muro: pelos testes nacionais, pelo vestibular, pelas igrejas, etc. Criando mais possíveis recortes, dos que estão fora da escola, mas que a influenciam diretamente em suas diretrizes.

Citei apenas alguns aspectos ligados à percepção do ensino-aprendizagem para situarmos como nos movimentamos em um terreno cheio de atores, fatos, acontecimentos, regras, etc. Nesse movimento há uma indefinição de espaço e tempo, por exemplo: as decisões que impactam na sala de aula, muitas vezes são tomadas em lugares distantes, e muitas aulas se pautam por necessidades que já não estão presentes nos dias atuais.

Este movimento também conduz a uma multiplicidade de quadros e cenas que ocorrem simultaneamente na sala de aula. Existem diversas perspectivas possíveis, todas se entrelaçam formando uma rede onde cada

participante influencia o todo. Estas estruturas se estendem do indivíduo, à família, ao estado e assim por diante.

Admitindo esta complexidade e buscando uma imagem mais nítida que possa nos informar destes eventos, a pesquisa qualitativa se coloca como uma abordagem válida para estudos nesta área. Vale a pena frisar sobre o pesquisador qualitativo: “Cada pesquisador fala a partir de uma comunidade interpretativa distinta que configura, em seu modo especial, os componentes multiculturais, marcados pelo gênero, do ato da pesquisa”( Denzin e Lincoln, 2006, pág. 32).

Desmascarado a figura de pesquisador neutro e imparcial, que situa-se acima das culturas que pretende observar, busco localizar-me como um pesquisador/professor, inquietado pelas dificuldades inerentes ao papel: político, pessoal, profissional, ético, etc. Uma localização que implica estar ciente da necessidade de tentar compreender as outras perspectivas em jogo, sob o risco de repetir discursos unilaterais, pouco válidos para o convencimento da maioria que compõem a intrincada rede, que em alguns casos, estão em situações de conflito.

Esta compreensão busca identificar as características, dos comportamentos, que melhor desempenham o ensino de arte como algo que impacte de forma positiva na vida dos alunos.

### **Pesquisa qualitativa**

Como explica Denzin e Lincoln (idem p.15-17), a pesquisa qualitativa surgiu com o estudo do outro exótico (menos civilizado, de outro país, e de pele escura) na antropologia e sociologia. No entanto, esse tipo de pesquisa evoluiu para métodos que conhecemos como estudo de caso, investigação participativa, entrevista, métodos visuais etc.; graças ao seu aspecto nitidamente crítico,

De fato, a pesquisa qualitativa é um campo de investigação por si mesma e que não encontra uma definição unânime na atualidade. A pesquisa qualitativa passou por um histórico com vários momentos e teorizações epistemológicas diversas. Esse desenvolvimento conduziu esta área de conhecimento a uma localização do observador no mundo, que tenta

compreender os fenômenos em termos do significado que as pessoas a eles conferem.

Para isso, lança mão de diversas práticas interpretativas que descrevem momentos e significados. Utilizando para isto, diversas disciplinas para extrair conteúdos. Daí o pesquisador qualitativo ser chamado de *bricoleur* ou confeccionador de colchas. Pois ele utiliza qualquer estratégia, método ou materiais empíricos, que estejam ao seu alcance, e quando não é suficiente: ele cria novas técnicas e materiais.

São práticas mais variadas: o que define a metodologia ou técnica é a pergunta, e a pergunta depende do contexto. Muitas dessas questões envolvem opções estéticas, para criar interpretações, ou mesmo, se apoiar em dados objetivos como tabelas, gráficos, análises documentais etc. Considerando possíveis interações entre observador, o cenário e o grupo de estudo.

## **Eisenstein**

A montagem é um método de edição de imagens associado a Eisenstein, cineasta russo do início do século passado e expoente do expressionismo, que consiste em sobrepor diversas imagens para criar um quadro mental que represente o todo. Ou seja, conforme a raciocínio do diretor: após as imagens serem repassadas de relance, o observador criaria um sentido a partir da união de todas as imagens em sua mente.

O exemplo mais famoso desta técnica está em seu filme “O Encouraçado Potemkin” (1925), na célebre sequência da Escadaria de Odessa. Nesta cena, a mãe se vê no meio de um conflito entre manifestantes e a guarda, incumbida de repreender e fuzilar os rebeldes da cidade de Odessa.

Após a mãe ser ferida, o carrinho do bebê começa a descer a escadaria sem controle, quando se vê somente a mão da criança. Uma mulher testemunha a cena horrorizada e grita. O carrinho é jogado de um lado para o outro passando pelos cadáveres, ao mesmo tempo em que os soldados continuam a disparar, até que o carrinho tomba.

Interessa aqui o modo como foi filmado e editado. A descida foi registrada por diversas câmeras e em mais de uma tomada. Quando de sua

edição, Eisenstein não reproduziu uma sequência cronológica, como era de costume; ele mostrou algumas cenas mais de uma vez e em ângulos diversos.

As imagens são breves e mudam a toda hora de cena (mãe, soldados, rebeldes, carinho, tiros, etc.) e de diversos pontos de vista que parecem circundar o evento. Como a disposição das imagens é composta de cenas vistas de muitos ângulos, o que prorroga o tempo, a impressão que fica é que a escadaria é enorme; o que não corresponde à realidade.

## **Montagem**

O princípio deste tipo de montagem é que o observador não capte a cena em sequência cronológica, mas que ele apreenda tudo de uma vez, num todo cognitivo-emocional, criando um significado que relacione todas as cenas vistas num único insight.

Este método, não cronológico, foi inédito na época causando enorme impacto emocional nas platéias. Surpreendente, observar que a cena da escadaria não estava prevista no roteiro inicial, denuncia assim, o aspecto maleável do processo de criação de Eisenstein, ao criar soluções a partir das demandas do objeto. Pois o filme se baseou em fatos reais, mas apenas a demonstração ilustrada da história seria insuficiente para criar empatia no público, sendo genial a narrativa composta exclusivamente de imagens e música, esta em tom dramático.

## **Experimentações**

Buscando praticar alguns dos conceitos mencionados, cito duas experimentações com meus alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental ocorridas em uma escola municipal da periferia de Goiânia/GO. A primeira foi uma produção amadora de um vídeo onde busquei compartilhar a 'voz' autoral, ao delegar a eles a captação das imagens e a escrita das falas me restringindo a edição. Na segunda, a partir de imagens da televisão, web e obras de arte, foi proposta a vivência de uma *performance* que envolvesse a comunidade vizinha à escola.

O vídeo discorreu sobre o conceito de lar/casa emergido a partir de depoimentos e imagens criados pelos alunos. De posse de câmera e libertos

da figura do professor, eles decidiram o quê e como filmar, atentos à construção do conceito de 'pertencimento a um lugar'.

Parte das imagens foi captada na escola em forma de entrevistas em que justificavam seus vídeos e fotos. A outra parte foi captada em suas residências: cenas do cotidiano com seus objetos/animais preferidos ou com familiares.

O tema de pesquisa, 'identidade e lar', evoluiu a partir fotos/vídeos criados pelos alunos até a elaboração do conceito escrito/oral por eles mesmos. O método utilizado pretendeu captar da forma menos orientada possível os indícios do que os jovens consideravam relevante para a delimitação de suas identidades enquanto subjetividades.

Suas realizações foram selecionadas pelos critérios de qualidade das imagens e do atendimento da entrega no prazo proposto. As imagens deveriam ser reconhecíveis, e entregues dentro de 15 dias. Aproximadamente 25% foram descartadas por não atenderem a estes critérios.

O método não linear de apresentação rompe uma visão única e concisa do tema. Reflete justamente o modo diverso de como os participantes compreenderam a proposta e criaram seus discursos de imagem e texto (escrito/oral). Denzin e Lincoln denominaram esse método de estratégias de autorreflexão que devem ir além do pragmático e prático e alcançar uma dimensão estética (Denzin e Lincol:2006 p.4).

Outro aspecto, voltando ao muro e a escada, é a conexão entre conjuntos de representações dentro e fora da escola. A partir dos questionamentos e da necessidade de criar sistematizações e reflexões críticas, por parte da disciplina de artes, houve uma busca no universo infanto-juvenil, em que estão imersos, a procura de subsídios para uma narrativa de suas próprias biografias.

Mas o encaminhamento não obedece a uma linearidade, na verdade, se comporta mais como uma trajetória cíclica. A partir do tema central, os diversos participantes dão suas visões, rondando o assunto sem encerrá-lo.

A segunda experiência foi uma ação mais performática. A proposta envolveu os moradores do bairro, imagens da televisão e da arte e da internet. Os alunos abordaram os transeuntes da praça principal do bairro e solicitaram a eles que fizessem uma pose fotográfica inspirada em alguma imagem

escolhida de um álbum de 40 reproduções no qual havia desde a foto de Michael Jackson ao Pensador de Rodin. Estas poses eram registradas em fotografias onde o participante era acompanhado dos alunos; criando uma nova imagem a partir de uma já existente.

Dentre o que aprendi sobre as experimentações, em relação ao conteúdo aqui discutido, é a possibilidade de avançarmos para a compreensão que a realidade nunca pode ser capturada de forma absoluta; restando-nos apenas suas representações (idem, p.5). Essa abordagem nos coloca em terreno com mais riscos, mas também mais fértil para as discussões de coletividade/individualidade, ética da imagem, limites do eu e do outro. O exercício da prática do registro de imagens fez com que surgissem discussões sobre identidade, representação e subjetividades.

## **Reflexões**

É justamente esta abordagem, que lida com o objeto de forma criativa, que apontamos ser a escada que nos leva a uma observação mais efetiva do ensino-aprendizagem. Não é o caso de despotencializar os conflitos na escola, mas, sobretudo criar significações dos dados coletados. Tentar capturar de múltiplos ângulos este evento que ocorre na ponte, entre o ensino e a aprendizagem, na tentativa de elucidar quais relações estão presentes neste fenômeno.

A criatividade na pesquisa, neste sentido, exige um deslocamento da posição de pesquisador e um aguçamento pela posição dos pesquisados. Um envolvimento que possibilite uma compreensão de como as subjetividades são construídas e o que motiva culturalmente cada posição.

A visão da escada não pode ser considerada panorâmica e superficial, ganhando em extensão, mas perdendo em profundidade. Ao contrário, o olhar a partir deste lugar é específico na identificação dos muitos nós que compõem a intrincada rede que configura a sala de aula. Espaço pequeno em metros, mas que é consequência de outros espaços muito distantes.

Esta visão se esforça para esclarecer quais práticas resultam na criação de sentido por parte do aluno e como isto acontece. Sob um olhar escópico da cultura, como formadora de subjetividades muitas vezes travestidas de

posições racionais e objetivas em que escondem preconceitos e visões absolutas.

A pesquisa qualitativa pode oferecer uma superação das reflexões sobre educação que alternam a posição ora do estado, ora do professor ou do aluno. Desconstruindo abordagens que enunciam oposições eternas.

A cultura visual, neste âmbito, se coloca como uma maneira de lidar mais apropriada por abranger as construções de significados presentes no dia a dia dos educandos que extrapolam os produtos das chamadas belas-artes.

Desta maneira, é mais ampla no uso de imagens e dos discursos, ao privilegiar as relações que as pessoas tem com as mídias. Visão esta, em de acordo com uma pedagogia que vise à emancipação do aluno, conforme Aguirre já citado anteriormente neste texto.

Na impossibilidade de romper com o muro, visto que essa separação é inerente à educação como dimensão formadora, podemos utilizar a escada como apelo à criatividade e flexibilidade dos métodos que poderia ser um meio facilitador para os transcurso ideológicos, políticos, imagéticos etc. Um uso que facilitaria uma maior consonância entre o espaço escolar e a sociedade por meio da emergência das contradições contidas neste espaço de mediação.

## **Referências Bibliográficas**

**AGUIRRE**, Imanol. Educação da cultura visual: conceitos e contextos/ Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.

**ARENDT**, Hannah. A condição humana. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

**DENZIN**, Norman K. LINCOLN, Yvonna. O planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens. Porto Alegre: ARTMED. 2006. 2ª edição.

**DUNCUM**, Paul. Educação da cultura visual: conceitos e contextos/ Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.

**FREIRE**, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra.1987.

**GONÇALVES**, Tadeu Oliver e **Gonçalves**, Terezinha Valin. Cartografias do trabalho docente: professor(a) – pesquisador(a)/ Corinta Maria Grisolia Geraldi; Dario Fiorentin; Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira (orgs). Campinas: SP. Mercado das letras. 1998. coleção leituras no Brasil.

**RANCIÉRE**, Jacques. A partilha do sensível: estética e política/ Jacques Rancière; tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005. 72p.

**SANTOS**, G. B. Usos e limites da imagem da docência como profissão. In: Revista Brasileira de Educação (RBE), Rio de Janeiro, ANPED, v. 18, n. 52, jan.-mar, 2013, p.11-24.

**TOURINHO**, Irene. Educação da cultura visual: conceitos e contextos/ Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO** - Manual da educação integral em jornada ampliada para obtenção de apoio financeiro por meio do programa dinheiro direto na escola –pdde/educação integral, no exercício de 2011." Brasília : Ministério da Educação 2011.

\_\_\_\_\_. **MOLL**, Jaqueline (orgs). Rede de saberes mais educação - pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. 1a. ed. – Brasília : Ministério da Educação, 2009.